



A SUBJETIVIDADE DOCENTE PRODUZIDA E DEMANDADA NAS HQS DO CHICO BENTO

Daniela Amaral Silva Freitas¹
Marlucy Alves Paraíso²

As diferentes formas por meio das quais as professoras têm sido ditas, nomeadas e apresentadas, ao longo da história, repercutem na forma como são concebidas hoje. Os mais diversos discursos – escolar, midiático, literário, político – produzem diferentes narrativas sobre essas mulheres que, conseqüentemente, competem e lutam entre si para adquirirem um estatuto de verdade. As Histórias em Quadrinhos (HQs) do Chico Bento também fazem parte desse processo de construção ao apresentarem demandas sobre o ser professora, pois uma personagem central nessas HQs é Marocas, a professora da pequena escola da Vila Abobrinha.

Este trabalho tem como objetivo analisar, com olhos de gênero, as práticas de subjetivação das docentes divulgadas no discurso escolar veiculado nas HQs do Chico Bento. O argumento apresentado é o de que são divulgadas três marcas de subjetividade docente: polivalente – comprometida, moralista, afetiva, cuidadosa e carinhosa; histérica e irritada; e romântica, apaixonável e assexuada; que são, em si mesmas, conflituosas e que disputam espaço na produção da professora demandada no discurso da educação escolar das HQs do Chico Bento. Apesar de se ter encontrado certa diversidade de características relacionadas ao fazer docente, todas elas são predominantemente marcadas por um traço de feminilidade, ou seja, narram a docente com traços socialmente e culturalmente associados às mulheres (PARAÍSO, 2002).

Comprometimento, moralidade, cuidado e afeto: marcas de uma professora polivalente

A reserva, o pudor e a decência, características atribuídas à professora da Vila Abobrinha, já se expressam em sua maneira de se vestir: óculos, cabelos castanhos presos em um coque, brincos sempre discretos, blusa com mangas que escondem os braços, golas que vão até o pescoço, saia na altura dos joelhos, ou vestido que seguem a mesma linha. Esses valores, que também perpassam as representações de professora ao longo dos séculos, estão relacionados ao caráter maternal que adquire a profissão e que exige das professoras “uma moral inatacável (...), uma vez que as famílias

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da FaE/UFMG; professora de ensino superior da FaE/UEMG e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas (GECC).

² Professora da FaE/UFMG, pesquisadora do CNPq, coordenadora do GECC e orientadora da pesquisa que subsidia este trabalho.



lhes confiavam seus filhos e filhas” (LOURO, 2004, p. 444). As professoras seriam como segundas mães das crianças e propiciariam a continuidade da educação destas, no ambiente escolar. Sob essa ótica, ser professora não se configuraria propriamente como uma profissão, mas sim como uma função assumida por aquelas que amam o que fazem.

Nesse sentido, dando prosseguimento a ensinamentos da família, alguns dos primeiros saberes ensinados pela professora são os valores morais. Nas HQs analisadas, cabe a ela ensinar o que é certo ou errado, o que é bom ou mau, o que deve e o que não deve ser feito, como pode ser observado na HQ (n. 436/ EG³): “CHICO! VOCÊ PEGOU ESSA GOIABA NO POMAR DO NHÔ LAU?”, “É FURTO!”, “HUNF! DEPOIS DA AULA VAMOS TER UMA CONVERSA!”, “VOCÊ VAI DEVOLVER A GOIABA E PEDIR DESCULPAS!”⁴. Ela ensina também “bons modos”: “CHICO! QUER FAZER O FAVOR DE TIRAR ESSE CHAPÉU?”, “EM SINAL DE RESPEITO PARA COM OS OUTROS!” (n. 106/ EG). Além de prescrever e corrigir os comportamentos de seus/suas alunos/as-filhos/as, a essa professora-mãe compete também acolhê-los/as.

Em diversas histórias analisadas, há a reiteração de uma imagem de professora “afetiva, cuidadosa e carinhosa”, como, por exemplo, na HQ (n. 106/ EG) que retrata, por meio de imagens, Marocas resgatando Chico Bento de uma pescaria e o levando para a escola, algo que fugiria à sua função de professora. Em outra HQ (n. 426/ EG), é também apresentada como aquela que se preocupa com os/as alunos/as, que tenta ajudá-los/as a resolver problemas particulares que fugiriam de sua alçada. Pode-se perceber uma vontade de compreender o que aflige um dos alunos pelas falas “carinhosas” que dirige a ele: “O QUE FOI, CHICO? ALGUM PROBLEMA?”, “NÃO FICA ASSIM, CHICO! O QUE FOI QUE ACONTECEU, DESTA VEZ?”, “CHICO... EU VOU CONTAR UMA HISTORINHA MUITO PARECIDA COM A SUA...”. A professora também se preocupa com a saúde de seus/suas alunos/as, chegando mesmo a sugerir como a mãe deve proceder — “CHICO! MELHOR VOCÊ VOLTAR PRA CASA E SE TRATAR! PEDE PRA SUA MÃE FALAR COM O DOUTOR TONICO OU O FARMACÊUTICO!” (n. 131 / EG).

Essa preocupação da professora em não só educar, mas também em cuidar, vai ao encontro das políticas públicas para a educação infantil. O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) fala da indissociabilidade desses dois atos: “educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados” (p. 23). Assim como o cuidado, o afeto atravessa muitos discursos a respeito da docência, pois teorias psicológicas e pedagógicas passam a considerá-lo como fundamental para

³ As revistas serão identificadas pelo número e, posteriormente, pelas siglas EG e EA, que indicam as revistas publicadas pela Editora Globo e pela Editora Abril, respectivamente.

⁴ A opção por transcrever as falas das personagens das HQs em caixa alta se deve ao fato de assim: se diferenciarem das citações dos/as autores/as e também se assemelharem à letra de forma apresentada nas histórias em quadrinhos.



a docência ou, como sugere Louro (1997, p. 98), “passam a considerar o amor como parte do ‘ambiente facilitador’ da aprendizagem”. Uma escola baseada no afeto traria ganhos não só para o/a criança, com o fato de ser cuidada, acalentada, amada, mas também para a professora, que sentiria satisfação, prazer e alegria em poder contribuir para o bem-estar do/a aluno/a e para a melhoria da educação. Isso propiciaria a aprendizagem, já que todos/as estariam descontraídos/as, satisfeitos/as e felizes. Nesse sentido, como demonstra Paraíso (2007, p. 124), o afeto “é utilizado como uma importante estratégia utilizada para subjetivar e governar”.

O afeto e o cuidado, nas HQs analisadas, não se circunscrevem à sala de aula. É, pois, apresentada uma professora cuja dedicação aos/às alunos/as ultrapassa o muro da escola, o que a torna polivalente. Em “Chico Bento em Professora Tirana” (n. 196/ EG), observa-se a versatilidade da professora que dá conta de várias situações que envolvem seus/suas alunos/as. Contrariando o que o título sugere, o de que Marocas é tirana, a HQ mostra uma professora extremamente preocupada e comprometida com os/as estudantes. No início da HQ, é apresentado Chico Bento indignado com a professora por causa de sua nota baixa. O menino começa então a criticá-la – “É UMA MANDONA! SÓ FICA TODA FORGADONA, LÁ NA CADERA DELA I ZÁS... TACA NOTA BAIXA!” – e decide ir conversar com ela: “ARCANÇA A FESSORA I DIZÊ UMAS VREDADE... PRA ELA APRENDÊ A DÁ VALOR NO ISFORÇO DOS ALUNO!”; “AH, LÁ VAI ELA! A CARRASCA!”.

Chico, então, segue a professora e se surpreende com o tanto de atividades que esta desempenha. Marocas, após seu turno como professora, não encerra seu expediente, continua cuidando de seus/suas alunos/as. Teixeira (1996, p. 190) caracteriza esse tempo como “invisível”, que “refere-se àqueles períodos rotineiros de trabalho fora da escola”. O preenchimento desse tempo “invisível” é narrado nessa HQ. Primeiramente Marocas vai à casa de um dos alunos para saber o motivo de o menino ter faltado às aulas. Posteriormente, dirige-se à casa de outro aluno para conversar com a mãe sobre o porquê de o menino não estar indo bem nas matérias e, além de um apoio pedagógico, fornece também apoio financeiro à família. Em seguida, pega uma carona de charrete com um agricultor e este, ao deixar a professora em casa, agradece as lições que ela tem lido. Finalmente, ao entrar então em casa, tarde da noite, não descansa, vai logo corrigir provas.

Chico, que segue a professora durante todo o dia e a observa pela janela trabalhando, muda sua opinião a respeito dela. Como o menino percebe, há um comprometimento tão grande da professora em relação a seus/suas alunos/as que a leva a prolongar “suas atividades profissionais na esfera doméstico-familiar” (TEIXEIRA, 1996, p. 190). Marocas leva trabalho para casa, para um espaço da vida privada de descanso. A HQ termina com o menino batendo à porta da casa de



Marocas e, ao contrário do que pretendia, diz: “EU SÓ QUIRIA DIZÊ QUI A SINHORA É MUITO BATUTA! I QUI EU PORMETO CAPRICHÁ MAIS NO MAPA DA PRÓXIMA VEIZ!”.

Se a princípio observa-se a professora sendo retratada negativamente, posteriormente ela tem sua rendição e prevalece a imagem positiva da docente. É interessante observar que as atividades desenvolvidas pela professora fora do período escolar adquirem conotação positiva. O desfecho da história culmina com um quadrinho que mostra a professora, satisfeita, dizendo consigo mesma: “AI, AI... É POR ESSAS E OUTRAS QUE VALE A PENA SER PROFESSORA”. Reforça-se então a subjetividade polivalente, que coloca a realização dos trabalhos extras como algo que vale a pena, apenas pelo reconhecimento do aluno.

Em suma, a relação professor/a-aluno/a, “demarcação primeira da condição professor” (TEIXEIRA, 1996, p. 187) caracteriza-se nos quadrinhos investigados por uma dedicação integral por parte da professora. Teixeira (1996, p. 188), ao mostrar os/as professores/as como sujeitos socioculturais, destaca a “forte marca de envolvimento humano e de afetividade constitutiva das relações pedagógicas”. Essa posição de sujeito ocupada pela professora, relacionada tanto ao comprometimento e à moralidade quanto ao afeto, cuidado e carinho, amplamente divulgada por outros/as pesquisadores/as, também aparece, como se vê, no discurso sobre a educação escolar nas HQs do Chico Bento. Paraíso (2002; 2007), também aponta a recorrência dessa demanda de subjetividade ao analisar o discurso de diferentes programas televisivos e revistas da mídia educativa brasileira. A autora faz uma crítica a isso ao mostrar como, “apesar de todas as lutas empreendidas especialmente pelos movimentos feministas” (PARAÍSO, 2002, p. 159), ainda é amplamente divulgado e reforçado o entendimento da professora “calcada em estereótipos da emoção, do amor materno, da compreensão, da sensibilidade, da fragilidade e da afetividade” (PARAÍSO, 2002, p. 159). No entanto, nem sempre as HQs do Chico Bento demandam uma subjetividade pautada no afeto e na polivalência.

“AAAAAI!”, “OOOOH!” ... gritos e xingos de uma professora histérica e irritada

Sentada em sua mesa, a professora dá início à chamada: “BEM... VAMOS À CHAMADA... CHICO BENTO!”. Escuta-se um coro de Chicos respondendo: “PRESENTE, FESSORA!”. Ao perceber que na sala só havia Chicos, a professora dá um pulo da cadeira, o que faz até seus óculos saírem, e grita: “IIIRRC!”. Em uma crise histérica sai então correndo da escola, gritando: “AAAI! MEU PIOR PESADELO VIROU REALIDADE!” (n. 100/ EG). Essa HQ é uma das muitas histórias nas quais se narra uma professora que perde o controle de si e tem ataques de histeria. Concomitantemente à



subjetividade descrita anteriormente, aparece também nas HQs do Chico Bento, e de forma mais insistente, uma outra subjetividade: a da professora “histérica e irritada”.

Outra HQ (n. 120 / EG) que serve como ilustração dessa histeria mostra a professora gritando “AAAAAI!” quando Chico Bento aparece na sala de aula montado em um elefante. Diferentemente das crianças que ficam empolgadas e felizes com a chegada do animal, Marocas, após o grito, desmaia. O desmaio, muitas vezes, é associado, na psicologia⁵, a uma defesa psíquica do organismo que não deseja presenciar a cena. Nesse sentido, tanto o desmaio, quanto a saída de Marocas de sala de aula, deixando todos/as os/as alunos/as sem professora, contribuem para a construção da imagem negativa de professora: uma mulher descontrolada que se nega a enfrentar determinadas situações, uma professora que “foge da realidade”.

Há uma reiteração dessa subjetividade em diversas HQs. Em “Chico Bento em o orador da turma”, é retratado um outro episódio em que a professora realiza essa fuga. Ao contrário de seguir as ordens da professora – decorar um discurso que homenagearia o prefeito –, Chico Bento, em meio ao discurso, se põe a falar das condições físicas precárias da instituição escolar na qual estuda. É interessante observarmos que as duas personagens responsáveis diretamente pela situação, diretor e professora, sentem-se apreensivas diante do imprevisto discurso de Chico Bento. No entanto, diante do fato, é a professora quem cai desfalecida e é o diretor quem a ampara. Fabris (1999), ao analisar alguns filmes de Hollywood que retratam a sala de aula, mostra essa tendência de se reservar para as mulheres posições de sujeito nas quais “elas aparecem como seres frágeis e à espera da proteção” (FABRIS, 1999, p. 107). Essa diferença de comportamento frente a um problema – a falta de controle da professora e o autocontrole do diretor, que chega até a amparar a professora que desfalece – contribuem para reforçar comportamentos geralmente atribuídos às mulheres e aos homens dentro de uma instituição escolar. Às mulheres cabe ficar em sala de aula e, aos homens, desempenhar atividades administrativas nas quais há necessidade da razão. Essas distinções, baseadas nas diferenças sexuais, não estão presentes apenas em sala de aula, mas são muito fortes na nossa cultura. Uma de suas marcas características é o fato de que o masculino foi sempre marcado como um lugar de mais autoridade em relação ao feminino (FABRIS, 1999).

Outro aspecto que merece destaque na história apresentada é o fato de que Marocas retoma sua compostura assim que percebe que, diferentemente do que esperava, o prefeito adora o discurso do menino. É interessante destacar que a HQ sugere que a professora não desmaia de fato, mas sim que usa essa estratégia para se livrar de possíveis conseqüências da fala de Chico Bento. Isso fica

⁵ Cf. SILVA, A. L. A.; FONSECA, R. M. G. S. Os nexos entre concepção do processo saúde/doença mental e as tecnologias de cuidados. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 11, n. 6, 2003.



evidente ao repararmos a ilustração na qual Dona Marocas, após o fim do discurso, ainda nos braços do diretor, abre de soslaio um olho para ver a reação do prefeito. Visto que era positiva, ela logo se recompõe e põe-se de pé. Já que a histeria é um jeito de exercer poder sobre as mulheres, observa-se aqui uma inversão das relações de poder. A professora utiliza o discurso de que as mulheres são histéricas, segundo seu interesse. No caso demonstrado, para se livrar de uma possível reprimenda do prefeito ou mesmo do diretor, já que foi ela quem escolheu Chico para proferir o discurso.

Nesse contexto, é interessante destacar a origem da palavra “histeria”. Anatomicamente ligada à figura feminina, *hystera*, que vem do grego, significa útero. A doença que a palavra passou a designar foi vista, durante muito tempo, como fruto da fraqueza moral da mulher, como parte de sua habilidade de mentir, dissimular, de chamar a atenção. Percebe-se, então, que não é à toa que as mulheres e as mulheres professoras são nomeadas como histéricas, pois, como afirma Scott (1995, p. 71), “as palavras, como as idéias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história”.

Embora a histeria perpassasse as HQs analisadas, a maior parte delas traz mesmo é a figura de Marocas irritada. Ela aparece na maior parte das vezes repreendendo, xingando, dando broncas e zeros em seus/suas alunos/as. São freqüentes as falas que mostram cobrança, como, “POR QUE VOCÊ NÃO FEZ O TRABALHO DE HISTÓRIA QUE TINHA QUE SER ENTREGUE HOJE?” (n. 425/ EG); assim como falas que expressam advertência – “CHICO BENTO! VOCÊ ESTÁ ATRASADO! ESPERO QUE, PELO MENOS, TENHA FEITO A LIÇÃO DE CASA!” (n. 163/ EG) – e ameaças, “QUEM EU PEGAR COM COLA, GANHA UM ZERO!” (n. 120/ EG). Tais dizeres sempre vêm acompanhados de gestos como mãos na cintura, vara de madeira ou dedo em riste⁶.

Muitas ilustrações de Marocas se assemelham às imagens encontradas por Louro (2004, p.465) em jornais de época, que mostram as professoras em meio a “severidade e securas; representam-nas geralmente como mulheres sem atrativos físicos, por vezes quase bruxas, munidas de uma vara para apontar o que está escrito num quadro-negro, quase sempre de óculos”. A obtenção da disciplina, a partir do uso da autoridade, compreendida como característica masculina, minaria a feminilidade da professora (CARVALHO, 1998). Segundo Carvalho (1998, p. 12), “essa contradição estaria na base da figura estereotipada da professora solteirona, rígida, disciplinadora e assexuada, tão difundida internacionalmente”. Ao se ler as HQs, nota-se, então, que a professora apresenta características que remontam a um discurso da educação escolar que teve e tem efeito de verdade nas culturas ocidentais urbanas. As professoras narradas por esse discurso oscilam, conforme aponta Silveira (2002),

⁶ Cf. Revistas n. 106, n. 113, n. 120, n. 123, n. 163, n. 204, n. 425, n. 436 da Editora Globo.



entre a conveniência de se preservar o valor e a dignidade da profissão de professora, seu alegado caráter de sacrifício e dedicação, dentro de uma imagem mais geral de seriedade da instituição escolar, e a visão burlesca, na qual a instituição é vista como abrigo de professoras “históricas”, irritadiças com alunos impertinentes, os quais, por sua vez descontentes, sempre estão prontos para delas se vingarem⁷.

Os sentidos produzidos sobre o ser docente, no entanto, se constituem e mudam em um processo contínuo de significação, “carregaram através dos anos, algumas continuidades, mas também se transformaram historicamente” (LOURO, 2004, p. 470). As diversas posições de sujeito ocupadas pela professora narrada nas HQs do Chico Bento presentificam conflitos parecidos com os que existem na nossa sociedade, em que a professora é produzida “em meio a aparentes paradoxos, já que ela deve ser, ao mesmo tempo, dirigida e dirigente, profissional e mãe, disciplinada e disciplinadora” (LOURO, 2004, p. 454). No entanto, pode-se apontar certos conflitos, como, por exemplo, com a figura de mãe, ao se aproximar mais de uma figura relacionada ao contexto amoroso, namorada, amante, uma grande paixão, pois, Marocas, longe de ser uma bruxa, é uma personagem bonita, pela qual seus alunos se apaixonam...

Uma princesa assexuada

A professora encontrada nas HQs do Chico Bento é demarcada também como uma professora “romântica e apaixonável”. Isso fica evidente, por exemplo, na capa de uma revista (nº. 106) em que Chico Bento, flutuando em corações e com expressão sonhadora, oferece uma flor à professora, que se sente envergonhada. Em “Chico Bento e o último dia de aula” (n. 63 / EG), é retratado o último dia de aula do ano letivo. O menino, bastante animado, comemora a situação, no entanto, há algo que o deixa triste e que o faz, com lágrimas nos olhos, abraçar e dizer à professora: “SÓ TEM UMA COISA QUI VAI MACHUCÁ MEU CORAÇÃO... FICÁ UM MEIS SEM A SINHORA!”.

A HQ “Chico Bento em Redação Caprichada Demais” (n. 103/ EG) também mostra essa professora apaixonável. A história, que tem como personagens principais a professora, Marocas, no papel de princesa, e Chico Bento, no papel de príncipe, é estruturada em forma de redação. O texto escolar, produzido e lido em sala por Chico, é uma espécie de conto de fadas, em que no final príncipe e princesa “VIVERO FELIZ PRA SEMPRE”. Após a leitura da redação em sala, Chico se dirige à professora: “INTÃO, FESSORA? GOSTÔ DA MINHA REDAÇÃO?”. Diante do silêncio de Marocas e, principalmente, de sua ruborização, o menino desiste de ouvir uma resposta e faz um comentário com o colega: “ACHO QUI VÔ TÊ QUI ISPERÁ ESSA VREGONHA DELA PASSÁ...”. Essa HQ retoma um tema amplamente discutido que é o amor platônico de alunos/as por seus/suas professores/as. Chico

⁷ SILVEIRA, Rosa Maria. *Professoras que as histórias nos contam*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.



Bento escreve uma redação na qual expõe sua admiração pela professora, o que a leva a corar. Assim termina a HQ, que não faz alusão a nenhuma relação amorosa concreta entre as personagens. Marocas mantém a ética na profissão, não dando margem a nenhum entendimento de interesse ou paixão pelo aluno.

A temática do amor no contexto escolar, presente na HQ, possibilita a emersão do tema da sexualidade da professora, *aparentemente* negada ao longo da história (LOURO, 2004). No entanto, isso é abafado pela sobreposição de papéis: ao mesmo tempo em que a professora aparece usando coroa, colar e vestido característicos das princesas de contos de fadas, continua com os óculos e o coque de sempre, símbolos da severidade, da compostura. O amor e a paixão do aluno por sua professora, envolvendo um amor não-filial, vão de encontro à imagem bastante difundida da docente – uma mulher assexuada. Ao mesmo tempo em que a professora é objeto de desejo e admiração por parte de seus alunos, é negada a ela sua própria sexualidade:

mesmo quando o lado sedutor da professora é cantado, reconhecido, ele é rapidamente oculto e subjugado pelo seu lado civilizador. As representações da mulher professora, visivelmente sensuais e prenes de pulsões libidinais, são diretamente opostas àquelas das quais emana uma aura de santidade, de pureza, de perfectibilidade moral, consideradas ideais para o exercício do magistério⁸.

A negação da sexualidade aparece de forma clara na HQ em “Dona Marocas em poço de desejos” (n. 192/ EG). Essa HQ mostra a professora passando diante de um poço dos desejos, quando decide, então, tentar a sorte: “AH, NÃO CUSTA QUASE NADA!”. Atira, portanto, uma moeda ao poço. Entretanto, se pergunta: “MAS QUAL É O MEU DESEJO?”. Ao se questionar, Marocas imagina, em diferentes balões de pensamento: uma série de roupas novas, um automóvel, uma paixão, um navio, uma nova escola... por fim, decide. Os leitores só ficam sabendo qual é o desejo escolhido por Marocas no último quadrinho, que mostra a professora, na sala de aula, anunciando o excelente resultado da prova para os/as alunos/as: “INCRÍVEL! A CLASSE TODA TIROU DEZ!”.

Nessa HQ, Marocas nega todos seus sonhos em prol do sucesso de seus/suas alunos/as em uma prova. Apesar da negação da sexualidade da professora, em duas histórias aparece a figura de um noivo, uma referência explícita a um relacionamento amoroso concreto. Entretanto essa imagem é pouco explorada nas HQs, talvez porque contrarie um enunciado sobre a docência que esteve presente há tempos em nossa cultura, o de que há uma incompatibilidade entre o trabalho docente e o casamento ou a maternidade (LOURO, 2004). Isso porquê casamento e maternidade impediriam a dedicação exclusiva da professora a seus/suas alunos/as, posto que cuidaria também de seu lar e de seus/suas filhos/as. Além de que “a condição de casada poderia resultar numa fonte de indagação

⁸ KULESZA, W. A. A Sedução da Professora. In: IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. *Anais*. Ponta Grossa: UTFPR, 2005.



das crianças e jovens sobre a vida afetiva e sexual da professora” (LOURO, 2004, p. 469). Ao desvincular casamento e maternidade da profissão docente, tem-se, conseqüentemente, a negação de uma forma de exercício da sexualidade pelas professoras. Sexualidade entendida aqui como “a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais” (LOURO, 1997, p. 80).

A atitude de renúncia aos desejos torna-se imprescindível, como demonstra Louro (2004), para que a professora mantenha-se “acima do comportamento comum” e conserve suas virtudes. “Para bem poder exercer o papel de *modelo* para as crianças e jovens, eles [mestres/as] se viram obrigados a um estrito controle sobre seus desejos, suas falas, seus gestos e atitudes e tinham na comunidade o fiscal e censor de suas ações” (LOURO, 2004, p. 463). Há uma incorporação de normas e tecnologias da instituição e da sociedade (LOURO, 2004) que agem para regular a conduta da professora. Observa-se, na HQ em questão, a auto-reflexão realizada pela professora, que se auto-examinou e julgou sua própria conduta.

As três posições de sujeito ocupadas pela professora e aqui analisadas apresentam poucas semelhanças, em geral são “diversas, interessadas, particulares, contraditórias” (LOURO, 2004, p. 464). Paraíso (2002, p. 207) mostra que esses conflitos e oposições não constituem “nenhuma surpresa”, pois “os/as docentes são mesmo pensados/as de diferentes modos, em diferentes espaços e por discursos de diferentes tipos”. No entanto, no entrecruzamento dessas imagens, algumas acabam adquirindo autoridade maior, a autoridade do óbvio, do senso comum e da auto-evidência, de tal modo que se chega a esquecer seu *status* de construção (LOURO, 2004). Por isso a importância de se evidenciar o caráter construído da linguagem que divulgam essas verdades sobre a docente. A linguagem “não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os *institui*; ela não apenas veicula, mas produz e pretende *fixar* diferenças” (LOURO, 1997, p. 65, grifos da autora). Isso permite expor o processo pelo qual, por exemplo, a professora veio a ser o que é, “as origens dessa invenção e os processos pelos quais ela se tornou ‘naturalizada’” (SILVA, 2002, p. 134).

Por meio dos discursos que dizem a escola, “são disseminados múltiplos saberes, exercícios, práticas, técnicas e tecnologias de subjetivação que regulam, organizam e divulgam formas possíveis de ser professor/a” (PARAÍSO, 2002, p. 181). Nesse sentido, as subjetividades divulgadas pelas HQs do Chico Bento e analisadas neste estudo ensinam, “através de estratégias sutis, refinadas e naturalizadas que são, por vezes, muito difíceis de reconhecer” (MEYER, 2005, p. 22), maneiras de ser professor/professora consideradas adequadas. Essas maneiras são muitas vezes aprendidas, ocupadas e reconhecidas por vários/as docentes. No entanto, não se pode esquecer que os gibis do Chico Bento divulgam algumas formas de se vivenciar a docência e que, confrontadas com



referências diferentes para se construírem como sujeitos sociais, os sujeitos podem aceitá-las, adaptá-las, rejeitá-las (LOURO, 2004). O fato é que, a despeito do que é ensinado pelos diferentes artefatos culturais, os sujeitos articulam, em suas práticas, toda a história das práticas cultural e socialmente construídas e de suas vivências como sujeito, em sua própria produção.

Referências

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. Brasília, DF: MEC, 1998.

CARVALHO, M. P. Vozes masculinas numa profissão feminina. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 1998.

FABRIS, E. T. H. *Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola*. 1999. 182f. Dissertação (Mestrado em educação). FaE, UFRGS, Porto Alegre, 1999.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: BASSANEZI, C.; DEL PRIORE, M. *Historia das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto: Ed. da UNESP, 2004.

MEYER, D. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, G.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo em educação*. Petrópolis: Vozes, 2005.

PARAÍSO, M. P.. *Currículo e mídia educativa: práticas de produção e tecnologias de subjetivação no discurso da mídia educativa sobre a educação escolar*. 2002. Tese (Doutorado em Currículo). FaE, UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

PARAÍSO, M. A.. *Currículo e mídia educativa brasileira*. Chapecó: Argos Ed. Universitária, 2007.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

TEIXEIRA, I. A. C. Os professores como sujeitos sócio-culturais. In: DAYREEL, J. (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.